

O fim da arte de escrever

RESUMO: Houve um tempo em que escrever era para poucos. Reis e padres, senhores do mundo. Inventaram a imprensa e no mundo inteiro, bem pequeno naquele tempo, ouviam-se vozes assustadas prevendo o fim do livro, o fim da literatura, o fim da arte de escrever. Hoje usamos smiles em chats e ouvimos vozes - de onde? do passado? do presente? de um mundo bem maior? - declarando o o fim do livro, o fim da literatura, o fim da arte de escrever. Dejá vu?

Ana Cristina Fricke Matte FALE/UFMG

Preocupações sobre o fim da arte, seja ela arte de escrever, arte de dançar, arte de pintar, arte de representar, arte de cantar, seja ela qual for, é bem antiga e perpassa toda a história da arte. Cada vez que um novo estilo surge, só surge da oposição a um estilo vigente e, portanto, pela rebeldia contra suas regras e princípios. Evidentemente os representantes da ordem estabelecida, ou seja, do reinado que corre o risco de sucumbir, não vão achar lindo que todos os valores por eles consagrados e que garante seu estatus social e cultural caiam por terra. A reação é sempre a mesma: os detentores do “poder” acusam os insurretos (procurei no dicionário pra ter certeza da palavra...) de estarem promovendo o fim da arte. E não deixam de ter razão: é o fim da arte como vem sendo afirmada oficialmente.

Esta proposta vai o fenômeno com foco numa nova insurreição, aquela promovida pelos usuários de e-mail, chats e fóruns na internet. Dentre estes usuários, artistas: escritores que aproveitam a democratização da escrita para lançar sua arte para o público. A análise baseia-se em metodologias teoricamente calcadas na semiótica greimasiana (Lara & Matte, 2009), mas como o espaço não permite maiores aprofundamentos, não faremos citações diretas nem utilizaremos o jargão da área. Um autor é fundamental na discussão feita nessas linhas: Fiorin, no texto *A internet vai acabar com a língua portuguesa?* (Fiorin, 2008).

Outro autor encontra-se no nosso horizonte de diálogo: Roland Barthes, com o *O grau Zero da escrita* (Barthes, 2004). Também não faremos citações diretas.

Sobre a escrita, algumas histórias

Com uma frequência cada vez maior ouvimos frases do tipo: “escrevem tudo errado no chat”, “a internet vai acabar com a língua portuguesa”, “ninguém gosta de ler”. Por falar em *dejá vu...* Não precisava existir internet para o mesmo comentário ser frequente sobre a língua, não só a portuguesa. Quando eu era criança, eram os quadrinhos que iam acabar com a língua. E naquele

tempo já ninguém gostava de ler. Fazem quase quarenta anos que comecei a aprender a ler e devorar quadrinhos e livros... É, eu era uma aberração, tinha prazer em ler até bula de remédio, mas não vem ao caso. A questão é que toda minha geração devorava quadrinhos, via TV (outra vilã assassina da escrita) e passava, em geral, todo tempo que podia longe dos livros. Mas a língua resistiu.

Bravamente? Nada disso, cá entre nós, não houve uma verdadeira batalha. Os professores continuaram, na maioria, afastando os alunos dos livros por exigirem leituras nada atraentes e afastando os alunos da língua com exigências gramaticais bastante preconceituosas contra as variantes não padrão da língua. Os pais continuaram preferindo que os filhos fiquem vendo TV ou acessando a internet do que perder tempo brigando para que aprendam a gostar de ler. Os filhos, depois da geração dos quadrinhos e da geração televisiva de massa (notem que ambas as gerações ainda existem), continuaram longe de bibliotecas (e o Brasil não ajuda nada, não temos bibliotecas gostosas em número suficiente) e bem dentro de redes sociais, jogos online, filmes online, chats online etc etc etc.

Nada mudou e a língua continua a mesma? Não, não, isso também não. A língua nunca é a mesma. A língua falada pelos meus avós é diferente da minha. A língua falada pelos políticos é diferente da língua falada pelas professoras de escolas infantis. A língua falada na minha terra natal (Rio Grande do Sul) é muito diferente da língua falada na terra em que vivo hoje (Minas Gerais). Até o tipo de erro de escrita que eu, professora de português, encontro numa região ou outra é bem diferente.

Mas então como falar em erro? Conheço uma senhora que pode explicar isso, ela é conhecida pelo nome de Norma Culta. Ela é cheia de preocupação com essas diferenças e mudanças, não no sentido de integrá-las, mas de superá-las. Ela cumpre o papel daqueles detentores do poder de quem falei mais acima: ela quer a permanência. Isso é ruim? Deveríamos atirar pedras nela e chamá-la de reacionária? Bom, ela é reacionária, mas não merece agressões, ela tem um papel na nossa sociedade, papel que, inclusive, justifica – um pouco – a atitude dos professores de português. A madame Norma Culta é um instrumento de poder. Seja seu amigo e você terá acesso a muitas instâncias de poder que, fora do círculo de amigas de Dona Culta, você não terá, simplesmente porque não será ouvido.

Erro de português é invenção dessa senhora. De um lado, revela preconceito social: já que é comum que a norma culta seja baseada na fala da classe mais poderosa, as classes menos privilegiadas precisam aprender uma variante diferente da sua variante materna (a língua que efetivamente se fala) para ter acesso à informação e a processos oficiais. De outro lado, revela que existe, sim, um padrão a ser seguido. Seguido sempre? Aí é que reside a grande chave do mistério: NÃO! Seguido quando for adequado.

Estou procurando aqui escrever um texto formal, seguindo a Dona Culta, mas de uma forma mais descontraída. Cabe muito bem a qualquer um denunciar possíveis erros de português no

meu artigo, mesmo que o estilo seja mais solto. Mas se isso fosse uma fala num chat, eu seria obrigada a reconhecer que deveria “errar” mais, pois escrita de artigo não é escrita de chat.

Aliás, estou cometendo propositadamente um erro recorrente: deveria marcar palavras inglesas, como chat, em itálico, mas não o faço. Porquê? Simples. Eu vim falar a respeito do fim da escrita. E uma das bandeiras de quem prega esse fim é a questão da incorporação de léxico estrangeiro. Fiorin falou muito bem a respeito: incorporar léxico estrangeiro faz parte da história das línguas. Chat existe em português atual e se pronuncia *xati*, não *tché*. Eu posso usar um sinônimo, bate papo, mas não é exatamente a mesma coisa. Pra ser, eu teria que dizer “sala de bate papo online”. Em português, é isso que chat significa. Em inglês, os dois sentidos são válidos.

A questão do gênero, portanto, é, sim, tão fundamental quanto pregam nossos professores de português. A questão da variação linguística também. Adequar-se é a única premissa realmente irrevogável para uma escrita correta. Por exemplo, usar emoticons (eu, da velha geração, preferia dizer “carinhas”, mas vocês não iam entender) no meio de um artigo seria completamente incompreensível, já que um artigo não é uma palestra e nem uma via de mão dupla. Já nos comentários que vocês e eu trocamos no blog eles são perfeitamente aceitáveis.

Independência ou morte?

Escrever bem é, sem sombra de dúvida, uma arte. Mas não está correndo risco de vida. As pessoas que se negam ou não tem oportunidade de aprender a Norma Culta, correm riscos em relação a acesso à informação e a ascensão social, mas não estão matando a arte de escrever. Quando Barthes fala sobre a escrita, ele discorre, dentre outras coisas, sobre a liberdade do estilo. Em suma, afirma que o escritor é livre, *ma non troppo*... O estilo, que representa a liberdade na escrita, é sempre uma negociação entre a insurreição e o poder estabelecido. Isso acontece porque quebrar todas as regras de uma linguagem simplesmente acaba com sua única função: comunicar. Mas não quebrar regra alguma acaba com o estilo.

Quando sentei aqui para escrever este artigo, eu decidi seguir passo a passo a referência que sugeri a todos os autores deste evento sobre como escrever um artigo. Fiz um esquema de ideias (nem preciso mais desenhar, faço isso há tanto tempo e tantas vezes que consigo visualizar sem precisar de rabisco concreto algum) e comecei a preencher o esquema estrutural sugerido lá (<http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/grad/uni003/escreverArtigo2011.1.html>) com essas ideias.

Em seguida, passei a escrever o texto que lhes apresento, preenchendo a forma com a massa das minhas ideias. O estilo mudaria se fosse um artigo de fonética acústica, com tabelas e gráficos e dados quantitativos. Mas a base seria a mesma. O artigo sempre vai funcionar se respeitar a norma e a adequação ao tema e ao contexto. Somente a prática permite ao escritor aumentar a margem de liberdade do estilo em relação à Norma Culta. Mas só existe um jeito de

praticar a escrita: escrevendo.

Enquanto houverem leitores, haverá escritores, e vice-versa. Artistas, cientistas, jornalistas, blogueiros, twitteiros: escritores e leitores por todos os lados, na internet e fora dela. Se houvesse espaço aqui, poderíamos analisar milhares de exemplos sobre a diversidade e riqueza da escrita hoje, fortemente democratizada pelo evento da internet. Mas este é o limite de nossa apresentação.

Assim, gostaria de concluir tentando responder a essa perguntinha capiciosa: independência ou morte? A morte da escrita pode até acontecer num tempo em que nossas limitações físicas e tecnológicas forem bem diferentes, mas não vamos perder tempo imaginando isso: hoje, e num futuro nem tão curto assim, a morte da escrita não vai existir. Mas a arte de escrever não é igual à escrita. A arte de escrever é uma arte equilibrista: sem ignorar normas que permitem a comunicação, o escritor artista vai tentar atirar alguns pratos para cima, fazendo malabarismos, mas sem deixar que o equilíbrio exibido seja perdido (senão caem todos os pratos e o espetáculo vira comédia).

Um bom palhaço não é palhaço por acaso. Um bom escritor também não.

Referências

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita : seguido de novos ensaios críticos. 2. ed. São Paulo, SP : Martins Fontes, 2004.

FIORIN, J. L. . A internet vai acabar com a língua portuguesa?. Texto Livre, v. 1, p. 1-8, 2008. URL <http://revistas.letras.ufmg.br/index.php/TextoLivre/article/view/2> Acesso em 30 de maio de 2011.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. Ensaios de semiótica : aprendendo com o texto. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.